

## BREVE COMENTÁRIO AO HINO ÓRFICO A PAN

Ordep Serra  
 Prof. Assistente do Dept<sup>o</sup> de  
 Antropologia da Faculdade de  
 Filosofia e Ciências Humanas da  
 UFBA

### RESUMO

O autor comenta o décimo dos Hinos Órficos, dedicado ao deus Pan e intitulado "Aroma de Pan", começando por assinalar o caráter apócrifo da obra e o sentido de sua atribuição ao herói mítico Orfeu.

Explica o significado da denominação de "Aromas" da aos Hinos Órficos e a forma como eles se estruturam, discutindo sobre o seu caráter ao mesmo tempo erudito e for-  
nular. Conclui chamando atenção para a imagetica circular presente na composição estudada.

Este é o décimo dos chamados hinos órficos: hinos atribuídos ao herói mítico Orfeu, o protótipo dos poetas (considerado o primeiro de todos, até cronologicamente, pelos antigos gregos) mas na verdade escritos por volta do ano 200 de nossa era. Não há indicação de seu verdadeiro autor (ou autores): importou-lhe(s) menos esse registro que ligar ao nome do sagrado filho de Apolo a obra, cuja recepção assim ficava garantida, nos termos, a seu ver, mais adequados. Acho que existe uma inegável generosida-

de nesta "pia fraus", nesta "mentira piedosa" (e não há dúvidas de que se aplica neste caso a discutida expressão platônica...).

Aliás, a esse tipo de generosidade se devem muitas obras, que recebem a qualificação de apócrifas, da chamada Antiguidade Clássica.

Os Hinos Órficos têm a designação de AROMAS, alusiva às oferendas com que os deuses eram propiciados numa liturgia antiga, muito cara aos que se consideravam seguidores de Orfeu: oferendas de essências aromáticas lançadas ao fogo num ato de propiciação. A cada deus correspondia um tipo de perfume nos incensórios prescritos. Os órfico-pitagóricos, muito amigos de jogos simbólicos desse gênero, deleitaram-se em traçar a ordem, quase digo "cromática", dos perfumes rituais que assinalavam as figuras divinas no culto (nessas correspondências eles incluíam também números e formas, como se sabe). Há em tudo isso uma idéia claramente musical... que muito mais tarde, e por outro caminho, seduzirá um Baude laire, por exemplo.

Não foram os místicos e pensadores órfico-pitagóricos que inventaram os incensórios, claro está; mas a transposição do rito que os hinos-aromas fazem para a teologia e a especulação filosófica dá testemunho de sua original inspiração.

Não é descabido, porém, evocar uma voz estranha ao coro místico dos seguidores de Orfeu e Pitágoras para ilustrar uma concepção que subjaz a esta obra poético-religiosa. Até me parece que vem muito a propósito uma sentença de Heráclito (cf. seu frag. 67, ed. Diels-Kranz, na tradução de Eudoro de Sousa): "Deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, carência saciedade; muda, porém, como (o fogo) misturado a essências perfumadas: denomina-se segundo o aroma de cada uma". Neste fragmento heracliteano, conforme se vê, a afirmativa da unidade-multiplicidade divina tem como suporte a metáfora do incensório...

Como se sabe, os defensores eruditos do paganismo freqüentemente argumentaram, contra os ataques dos pregadores da nova fé cristã, monoteísta, que não desconheciam a unidade de Deus, apenas não

deixavam também de reconhecer as suas múltiplas faces, o esplendor de suas várias manifestações. Este argumento se fundava sobretudo em idéias neoplatônicas a que não é alheio o espírito dos Hinos Órficos. Seu autor (é mais verossímil, de fato, que tenha sido um só) era evidentemente um pagão erudito, familiarizado não apenas com as tradições órfeopitagóricas mas ainda com o pensamento estóico e com o neoplatonismo, de grande voga na sua época. Elementos dessas doutrinas são facilmente identificáveis no hinário atribuído a Orfeu.

A forma dos Hinos Órficos é inteiramente padronizada. Eles, como, de resto, todos os hinos antigos, principiam com uma fórmula declaratória em que se anuncia o intento de celebrar uma divindade, logo então identificada; e terminam com um apelo ao deus para que seja propício. Mas, ao contrário dos Hinos Homéricos, por exemplo, não têm propriamente um argumento, não formalizam a exposição de um mythos: encerram quase somente invocações onde se alinham epítetos que fazem referências às principais epifanias, aos principais "aspectos" e manifestações do deus celebrado: na maior parte, são jaculatórias do culto e epicleses consagradas na poesia épica e na lírica.

Dentro dessa padronização e trabalhando com fórmulas em grande medida "pré-moldadas", é impressionante como o poeta se mostra criativo. Manifesta essa criatividade no hábil arranjo das expressões formulares, na invenção de outras que se articulam com as tradicionais, na sutileza musical conferida ao verso, na arte das combinações de termos (nosso poeta é grande amigo dos compostos, que, explorando uma característica favorável da língua grega, forma com muito gosto e perícia), no agudo senso de harmonização das figuras. Impressiona também o poder de síntese com que elabora, valendo-se quase somente de invocações, um discurso teológico articulado e coerente.

A tipificação literária dos Hinos Órficos coloca um problema que se relaciona com o de seu modo de composição. Sabe-se que as epopéias chamadas de "populares" se distinguem das "eruditas" funda-

mentalmente porque são, aquelas, compostas com fórmulas, oriundas do acervo de uma poesia oral. Mas já se vê que o critério não pode ser estendido sem perigo a todo o campo da poética... Assim, no caso especial dos Hinos Órficos, temos composições eruditas de estilo formular: a rigor, são ladainhas que se pretendem criadas pelo divino poeta a quem se costumava atribuir a instituição de misterios (cultos iniciáticos, místicos) do dionisismo na velha Grécia. É evidente que o autor destes hinos buscou, muito de propósito, imprimir-lhes um sabor hierático e "antigo": seu objetivo era produzir uma obra "tradicional", ou antes, uma obra que encarnasse o fundamento originário de uma tradição. Ele quis simplesmente reinventar Orfeu.

Lembrarei a propósito a ponderação de Fernando Pessoa de que da poesia lírica à dramática há uma gradação contínua e os gêneros da classificação aristotélica não se separam tão facilmente. Seguindo o argumento de Pessoa (exposto numa Nota Preliminar às "Ficções do Interlúdio", dada a público em sua Obra Poética compilada por M.A. Galhoz - veja-se a edição da Aguilar), e aplicando-o ao presente caso, pode-se dizer que há aqui um elemento dramático velado, na medida em que o poeta realiza sua criação sob a máscara sagrada de Orfeu...

O Hino a Pan é composto à feição de uma prece mística. O deus Pan tinha no orfismo um lugar de destaque, parte devido a suas ligações com Dionísio, parte em função da etimologia falsa que identificava seu nome com o termo grego (pan) que significa "tudo". A percepção de Pan como símbolo do todo deu lugar, com efeito, a muitas especulações que combinavam elementos míticos e filosóficos. No princípio deste hino, Pan é identificado com o conjunto do mundo e o poeta passa em seguida a relacionar os quatro elementos de uma teoria da phýsis... A idéia de que Pan representa o todo justifica a oferenda de "incenso e várias essências" (perfumes vários: mas o jogo de palavras que fiz na tradução do ditame não tenho dúvidas de que agradaria aos órficos). Também de acordo com esta idéia está o amplo emprego, no poema, de uma imagética circular.

Traduzi o texto estabelecido por Gessner em seu ORPHEI OPERA. Gessner aí também verteu para o latim os hinos órficos, dando-lhes o título geral de INDIGITAMENTA DEORUM. O resultado é fantástico.

Acho que esta tradução do "Aroma de Pan" não tem antecedentes em português.

aroma de pan: incenso e várias essências  
 tradução direta do original grego por  
 ordep serra

invoco o possante pan, campestre, do mundo o conjunto,  
 e céu e mar também, e terra universal rainha,  
 e fogo imortal - pois partes são estas de pan.  
 ditoso vem, dançador, com as horas circúvago, rei  
 caprino, bacante, possesso, que sob os astros habitas,  
 fazendo num canto festivo pulsar a harmonia do mundo,  
 ó dos fantasmas autor, dos humanos terrores horrendo,  
 que te comprazes nas fontes com os rebanhos de bois e de cabras,  
 ó pai de tudo, onigênere, insigne deus, que reges  
 o mundo, que dás o incremento, lucífero, péano frútil,  
 ó irascível, dos antros, cornífero zeus verdadeiro!  
 em ti na verdade repousa da terra o sôlio infinito,  
 e assentam do mar incansável as fecundíssimas vagas  
 e oceano ao redor da terra as águas circunfluindo;  
 e o almo domínio dos ares, alento dos seres vivos;  
 e, sobrepairando no ápice, o olho do fogo fugaz.  
 pois estas partes divinas congregam-se às ordens tuas.  
 a natureza das coisas, tu mudas com teus arbitrios,  
 a estirpe humana apascentas no orbe imenso da terra.  
 ditoso, inspirado bacante, vem para as oferendas  
 sagradas: um termo feliz à vida faz que suceda,  
 tange o pânico terror para os confins da terra.

#### SUMMARY

The author comments the tenth of the so called Orphic Hymns, the one entitled The Perfume of Pan and dedicated to the god Pan, stating its apocryphal character and discussing the sense of its attribution to the mythical hero Orpheus. The author also focuses the structure of the Hymn, showing that it has a "formular", standardized composition, though non traditional; finally he points out the recurrence of circular imagery in this poem.